

Imprensa Nacional
Biblioteca Machado de Assis



B0023385

F
327
R484

VISITA DE SUA EXCELÊNCIA
O SR. GENERAL
CHARLES DE GAULLE,
PRESIDENTE DA
REPÚBLICA FRANCESA AO
SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

BRASÍLIA, 13 DE OUTUBRO DE 1964

F 327. 440 81
V831
1964

VISITA DE SUA EXCELÊNCIA
O SR. GENERAL
CHARLES DE GAULLE,
PRESIDENTE DA
REPÚBLICA FRANCÊSA AO
SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

30023385

F. 300.440 81
V. 281
1964

BRASÍLIA, 13 DE OUTUBRO DE 1964

EXCELENTÍSSIMO Senhor General Charles de
Gaulle, ilustre Presidente da República Francesa:

Recolhe o Supremo Tribunal Federal, no plano das relações internacionais, com o sucesso da visita de Vossa Excelência à comunidade latino-americana, oportunidade imprevista na agenda de suas expectativas, tão honrosamente assinalada pela presença do grande Chefe de Estado da França imortal neste Santuário da Justiça, onde se prolonga com autenticidade a sistematização da ciência do direito que, vindo da tradição romana, após sedimentar-se fortemente na era napoleônica, foi transmitida gradativamente pela legislação reinol até o estágio contemporâneo, graças, sem dúvida, à lúcida contribuição dos mestres antigos e modernos do direito público e privado francês.

Em plano diverso, mas estritamente ligado à nossa formação artística, é assaz recuada no tempo a presença da cultura francesa no Brasil, quando, por inspiração do senso artístico de D. João VI, o Conde de Barca seleccionou em Paris e trouxe ao Rio de Janeiro a Missão Artística de 1816, chefiada por Joaquim Lebreton, incluindo-se entre seus membros os irmãos Taunay,

gélia, onde êle constituíra o Governo Provisório da França Livre, para mais tarde conduzi-lo incólume ao território continental, aí irradiando de sua bravura patriótica a recuperação total da autonomia da França.

Surpreendemos os homens representativos do génio francês, no longo percurso da história, com Carlos Magno, o Santo Rei Luís, Henrique IV, Joana d'Arc, Luís XIV, até o fastígio empolgante da era Napoleônica.

Indaguemos:

Esgotara-se, porém, a messe magnífica? Perdera a França o caráter primordial de seus grandes personagens que lhe traçaram a brilhante tradição histórica? Já se não alimentava esperança de vê-la ressurgir das cinzas do tempo?

Aí está que imprevisamente assoma, em sua feição análoga, com todas as marcas de grandeza e heroísmo, galvanizando o génio francês, o seu espírito heróico, a sua bravura legendária, reproduzindo a figura de seus reis e imperadores, de seus generais e de seus soldados, o homem representativo da França moderna que nos dias sombrios da última grande guerra se erguia do nevoeiro londrino iluminado por seu ideal de resistência e de salvação - - o General Charles de Gaulle, êsse grande homem autêntico que ora ilustra com honra o recinto desta Casa de Justiça pela sua só presença, perenemente cara ao Mundo Livre, que nas horas intensas de ameaças para êle se voltava confiante na sua obra prodigiosa de redenção para a humanidade.

Vimo-lo, em breve, assumir o poder civil, tomando em suas mãos o destino da França e evoluir do espírito militar para a revelação do génio político, transcendendo as concepções iniciais de sua carreira para um sentido mais profundo e seguro da complexidade do inundo civil e da sociedade humana, definido no seu discurso de Bayeux, com os lineamentos claros sobre a eleição direta do Chefe de Estado, a alta missão e finalidade do parlamento, a suma ingerência de todas as liberdades, concretizada à base da democracia política.

"Esta evolução", disse-o notável observador ("Correio da Manhã" de 18-9-1964 - - primeiro caderno, página 5), "constitui uma lição para todos os militares do mundo, assim como a sua recusa em aceitar, ao lado da nobre figura do General Paris de Boulardière, a prática da tortura em tôda a parte e especialmente na Argélia ocupada pelo exército francês, a sua defesa da pessoa humana e a sua lúcida compreensão do nacionalismo dos povos africanos, asiáticos e da América Latina, pois a bandeira da independência nacional que êle levantou considerou-a, por igual, legítima nos outros povos."

Disse mais: "Para o General Charles de Gaulle a tortura, a prisão ilegal, as ofensas à pessoa humana quando praticadas ou admitidas por Chefes Militares, eram duplamente desonrosas, em si, e porque feriam a honra do próprio Exército."

Se tôda a obra reconstrutiva do Governo da França realizada por êsse homem de excepcional vocação de estadista, num grau superlativo de realizações, abrangendo desde a organização económica, social e política, até o aperfeiçoamento educativo intelectual, artístico,

técnico e científico, que ora elevam a França à culminância de seu valor nacional no seio da comunidade europeia, dando-lhe preeminência decisiva na solução dos problemas essenciais à sobrevivência dos povos, não se avantajasse de modo eloqüente para definir a estrutura pessoal do seu grande Chefe de Estado, bastar-lhe-ia para qualificar sua obra imperecível à frente dos destinos da França, a epopeia política mais audaciosa de nossos dias, **representada** pela concessão de autonomia à Argélia, devida à sua tenaz imposição diante de todas as ameaças e perigos, pois nela se contém a vitória do poder de estado sobre o povo de seu território colonial, incapaz por si mesmo, embora numeroso, de alcançar a liberdade.

É satisfatório reconhecer, Excelência, como acentua Paul Marie de la Gorce que uma das suas maiores glórias ao lado e no mesmo friso dos militares é ter entendido plenamente a sua missão como chefe civil, ter respeitado a democracia e assim continuando a irradiação da França de 1789 e o seu exemplo libertário.

Este é o primeiro passo a ser estendido para estruturar um concerto de nações livres a fim de conduzir o mundo a uma nova era de esperança e de progresso.

Poderemos então lembrar as palavras de Arnold Toynbee: "Nossa idade será lembrada não por seus horrorosos crimes ou por suas admiráveis invenções, mas por ser a primeira geração desde o alvorecer da História em que a humanidade ousou julgar prático estender os benefícios da civilização a toda a espécie humana."

Deve estar no avisado tino político de Vossa Excelência a clara advertência de J. William Fullbright: "As nações do ocidente, no desempenho de suas obrigações comuns para com os países subdesenvolvidos da Ásia, da África e da América Latina, têm uma excelente oportunidade de robustecer seus vínculos recíprocos e de começar as fundações de um concerto mundial das nações livres."

Sentimos em Vossa Excelência os primores do espírito que as linhas impecáveis do seu proceder denunciam, assim o militar democrata, que não consente a tortura, que alimenta, exalta e preza a liberdade de imprensa, que transpõe o seu pensamento nas suas "Mémoires de Guerre" num estilo claro e sóbrio, como a prosa simples, exata, colorida e pura de La Fontaine, em suma, o grande modesto homem de primeira plana, fiel a si mesmo, igual na sua vocação de magnitude, na sua nítida projeção pela democracia e pela liberdade, insinuando como se alcança a verdadeira paz entre as nações por uma ajuda equitativa sem os olhos voltados para as ideologias políticas que acaso as distingam umas das outras.

Esta, Excelência, a sua grandeza e a sua glória.

Eis o discurso de agradecimento do
Exmo. Sr. General Charles de Gaulle:

"**S**ENHOR Presidente, Srs. Ministros, minhas senhoras e meus senhores. É uma grande honra para mim ser recebido na Corte Suprema do Brasil, poder entrar em contato com o Sr. Presidente, com cada um dos Ministros que compõem a Corte; e nesta nova Capital de um grande País, Capital que traz o próprio caráter da sua audácia e da sua ambição.

Sr. Presidente, V. Ex.^a soube dizer, com grande eloquência e de modo muito emocionante, todos os vínculos que ligam o Brasil e a França pelo espírito e pelo coração. V. E." lembrou que o Brasil e a França são os filhos da Ordem Romana. Poderia eu acrescentar que o foram, igualmente, da Cristandade. Ao longo dos séculos, desde que o Brasil nasceu, V. Ex.^a, Sr. Presidente, invocou todos os nomes daqueles franceses que foram acolhidos por Vós, espiritual, intelectual, moral e politicamente. Para um francês, o que V. Ex.^a disse foi extremamente tocante.

No momento, o Brasil e a França são países ao mesmo tempo, antigos, ambos, e novos, em plena reno-

vação. O Brasil e a França se acham numa conjuntura nacional e internacional que traz a marca do século que vivemos. Condições absolutamente novas se impõem a nós, igualmente, e, em particular, no que diz respeito às nossas instituições e ao modo por que funcionam. No interior, em França como no Brasil, a evolução moderna fêz da ciência e da máquina os grandes motores de todas as nossas atividades. Daí resulta uma organização, uma estrutura das nossas sociedades; resulta, também, uma situação do indivíduo e das coletividades, em relação uns aos outros e em relação ao Estado, que é absolutamente nova. Resultou, também, daí, para o Estado, entre vós como entre nós, o aparecimento de deveres mais extensos do que jamais o foram, porque, entre vós, como entre nós, o Estado não deve mais somente dirigir a ordem pública e defender o País em caso de necessidade; mas deve dirigir tôda a atividade nacional.

No ponto-de-vista internacional, tanto vós como nós nos achamos diante de uma situação que os nossos países jamais conheceram. Nós nos achamos num mundo em plena gestação e em evolução muito rápida. Vemos crescer uma quantidade de Estados novos, uma quantidade de povos que, uns e outros, reclamam o seu lugar, o seu direito ao desenvolvimento; e que, por conseguinte, se voltam para países mais cedo evoluídos, mais cedo providos, a fim de lhes pedir a sua cooperação humana. No interior como no exterior, os nossos países se acham, hoje, diante de um problema capital: o problema do homem. Quer se trate do que é a vida nacional, quer se trate do que é a vida internacional,

nosso grande dever, nosso grande encargo, na minha opinião, é este. É por aí que a História julgará os contemporâneos.

Acho-me aqui, num país que compreende isto, imediatamente; num país que está plenamente em dia com seus problemas, pois que os viveu e vive ainda. Esta é, por conseguinte, uma razão capital pela qual, hoje, deve renascer esse parentesco dos nossos espíritos e dos nossos corações, parentesco que existiu no passado e que, em parte, fizeram o que somos; que, hoje, me parece reflorescer entre nós.

É o voto que exprimo a Vós, Sr. Presidente, a Vós, Srs. Ministros da Corte Suprema do Brasil. Exprimo este voto em nome da França, em nome da República Francesa, que, Vós o sabeis, tem a sua origem no mais longínquo da História de França, visto que se formou na base da liberdade, da igualdade e da fraternidade. São estes, mais do que nunca, os nossos deveres, os direitos dos nossos contemporâneos.

Terminarei, repetindo o que tive a honra de dizer ao começar: é a impressão profunda que levarei desta majestosa, desta solene reunião. Agradeço-vos em nome da França, a Vós, Sr. Presidente; a Vós, Srs. Ministros que formam a Corte Suprema do Brasil; a todos aqueles e a todas aquelas que vieram aqui trazer o seu testemunho.

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL

1964